



## **O BULLYING NA ESCOLA: A PREVALÊNCIA E O SUCESSO ESCOLAR**

Paulo Costa & Beatriz Pereira  
(Universidade do Minho)

**RESUMO:** Uma versão modificada do questionário de Olweus (1989) para a língua portuguesa sobre o *bullying* no contexto escolar foi aplicada a uma amostra de 3891 alunos, com idades compreendidas os 5 e os 16 anos, pertencentes a um conjunto de treze Agrupamentos de escolas do ensino básico do Distrito de Bragança, no Nordeste de Portugal.

O objectivo do estudo foi o de analisar a prevalência do *bullying* nos alunos com sucesso ou insucesso escolar, nos diferentes níveis do ensino básico (do 1º ao 6º anos), através da diferenciação e caracterização dos grupos «não envolvidos», «vítimas», «agressores», «vítimas e agressores» e «não respondeu».

Os resultados manifestaram uma maior prevalência de agressores (18,8%), embora com valores próximos das vítimas e agressores (17,8%) e das vítimas (11,1%). Os alunos com insucesso escolar apresentam maior envolvimento em episódios de vitimação e agressão, comparativamente, aos alunos com sucesso escolar. Os alunos com insucesso educativo, registaram valores relativos superiores nos agressores (19,7%), nas vítimas e agressores (18,9%) e por fim as vítimas (16%), pelo que a condição do insucesso escolar constitui um sinal de alerta no tocante às práticas agressivas e de intimidação (*bullying*) em contexto escolar.

### **Introdução**

A temática da violência tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas três décadas, quer por parte da sociedade em geral, quer por parte da comunidade escolar (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009a; Glew, Fan, Katon, Rivara, & Kernic, 2005; Martins, 2005; Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009; Nansel, et al., 2001; Pereira, 2008; Raimundo & Seixas, 2009; Rigby, 1999; Seixas, 2005).

Uma das manifestações da violência na escola que, na literatura educacional, tem atingido maior visibilidade é a agressão entre pares (Matos, Negreiros, et al., 2009), particularmente o fenómeno conhecido a nível internacional pelo termo *bullying* e que designaremos também por *comportamentos agressivos de intimidação* (Pereira, 2008). Dan Olweus definiu *bullying* como *um aluno está a ser vítima de bullying quando está exposto, repetidamente e ao longo do tempo, a acções negativas da parte de uma ou mais pessoas* (Olweus, 1993). Esta forma de violência entre pares distingue-se da agressão ocasional não só pela sua persistência no tempo, como pela desigualdade de poder entre os intervenientes (Matos, Negreiros, et al., 2009; Olweus, 1994; Pereira, Mendonça, Neto, Valente, & Smith, 2004). Acrescente-se ainda, o facto de o *bullying*

ter por objectivo provocar mal-estar e ganho de controlo sobre outra pessoa de forma intencional (Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002; Martins, 2009; Olweus, 1993; Pereira, 2008; Seixas, 2005).

No *bullying* estão envolvidos o (s) agressor (es), a (s) vítima (s) e ainda a (s) vítima (s) - agressiva (s), o grupo dos colegas, a própria instituição (assistentes operacionais, professores, gestores escolares) e as famílias dos actores envolvidos (Lourenço, Pereira, Paiva, & Gebara, 2009). Pelo que usualmente demanda o envolvimento de pelo menos dois protagonistas, o agressor (que exerce o controlo) e a vítima (que acaba submetida e tiranizada), mas podem ocorrer igualmente episódios de *bullying* em contexto mais alargado de grupo (Raimundo & Seixas, 2009).

Os agressores obtêm poder sobre as suas vítimas de diversas formas, factores físicos (idade, tamanho ou força física), ou ainda, por factores de natureza social (estatuto no seio do grupo ou pela procura de apoio por parte dos outros), enquanto, as vítimas não se sentem em posição de se defenderem, de procurar auxílio ou de desforrar contra o agressor (Martins, 2009; Nansel, et al., 2001; Pereira, 2008).

Pesquisas (Pereira, et al., 2004; Whitney & Smith, 1993) revelaram que o *bullying* ocorre principalmente nos anos escolares iniciais. Embora a violência ocorra em todas as faixas etárias, são as crianças e os adolescentes, por estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, os que se apresentam em situação de maior vulnerabilidade e sofrem maiores repercussões na saúde (Sanchez & Minayo, 2004). Segundo o relatório da Organização Mundial da Saúde (2002), algumas crianças apresentam comportamentos problemáticos na primeira infância e que gradualmente se vão agravando, até atingirem as formas mais graves de agressão, antes e durante a adolescência (Krug, Dahlberg, Mercy, Zwi, & Lozano, 2002). Relativamente ao 1º ciclo do ensino básico, estudos concluíram que 20% dos alunos encontravam-se envolvidos em comportamentos de *bullying*, com relativa frequência (Pereira, 2008; Pereira, Almeida, Valente, & Mendonça, 1996), o qual pode ser explicado pelo facto de as crianças mais novas não terem ainda adquirido as competências pró-sociais e de assertividade (Matos, Simões, & Gaspar, 2009).

Constituindo a escola, um dos mais importantes contextos socializadores, assume-se como natural que os factores a ela associados sejam frequentemente relacionados ao ajustamento ou desajustamento das crianças e jovens. No que diz

respeito aos comportamentos anti-sociais, têm sido aludidos vários factores, nomeadamente, a fraca ligação com a escola, o fraco desempenho escolar e o insucesso escolar (Matos, Negreiros, et al., 2009).

Muitas crianças e adolescentes vêm-se frequentemente confrontados no seu quotidiano escolar, com episódios de agressividade, com os quais não sabem lidar e que por vezes afectam de forma decisiva o seu percurso escolar, o seu bem-estar e o seu processo de desenvolvimento pessoal e social (Freire, Simão, & Ferreira, 2006).

Os baixos níveis de inteligência e o fraco progresso na escola surgem como factores de risco associados à violência entre crianças e jovens (Resnick, et al., 1997), ainda neste sentido, o insucesso escolar parece estar associado ao aumento percentual de crianças agressoras (Nansel, et al., 2001; Pereira, 2008; Silva & Pereira, 2008), podendo ainda, constituir um indicador de violação de regras que está associado ao comportamento anti-social, bem como pode levar os adolescentes a uma rede de apoio constituída por adolescentes com comportamentos desviantes, adoptando este tipo de comportamentos (Fonseca, Taborda Simões, & Formosinho, 2000).

Estudos desenvolvidos por Nansel e Rigby demonstraram que existe uma associação significativa entre a envolvimento do *bullying* e a auto-percepção do rendimento escolar e outros aspectos de desajustamento social. (Nansel, et al., 2001; Rigby, 1999). Também o impacto do *bullying* sobre a vítima e os agressores parece estar associado ao rendimento escolar, através da motivação demonstrada para frequentar a escola e os níveis de auto-estima (Formosinho & Simões, 2001; Krug, et al., 2002; Nansel, et al., 2001). Numa investigação sobre as percepções que os agressores tinham sobre si, os autores concluíram que, os agressores possuíam uma auto-estima e uma percepção da sua competência social que oscilam ambas de igual forma, entre os níveis médio e elevado, no entanto, relativamente a sua competência académica consideravam como abaixo da média (Johnson & Lewis, 1999), enquanto, as vítimas têm uma atitude positiva face ao trabalho e disciplinas escolares, apresentando um rendimento académico dentro da média ou mesmo superior aos agressores (Formosinho & Simões, 2001). Pelo que a identificação dos traços da personalidade (perfis das vítimas e dos agressores) permite avaliar os potenciais efeitos que acção sistemática do *bullying* pode comprometer o aproveitamento escolar (Nansel, et al., 2001).

A adopção de programas de reforço pré-escolar, constitui uma das estratégias a implementar na prevenção para a primeira infância, através do desenvolvimento de atitudes necessárias para melhorar o êxito escolar e conseqüentemente, aumento da probabilidade de obter êxito nos resultados académicos futuros, podendo dessa forma fortalecer os laços da criança com a escola, aumentando o aproveitamento e a auto-estima (Krug, et al., 2002). Programas desenvolvidos por (Olweus, 1993) e (Pereira, 2008) afirmam que para prevenir o *bullying* é necessário envolver toda a comunidade educativa (alunos, professores, funcionários, pais e outros elementos da comunidade local), assentes numa perspectiva mais global (escolas e turmas), do que apenas aos indivíduos envolvidos (Martins, 2005).

O presente estudo delineou-se com o objectivo de identificar a prevalência de comportamentos agressivos e de intimidação (*bullying*) relacionando com o aproveitamento escolar (sucesso escolar/insucesso escolar).

A relevância deste estudo situa-se na compreensão do que acontece com as crianças envolvidas em práticas agressivas, tendo em conta o tipo de envolvimento (agressores, vítimas, vítimas e agressores e não envolvidos) e o sucesso/insucesso escolar, de forma a poder actuar de modo eficiente na prevenção deste tipo de comportamento.

## **Metodologia**

### *Amostra*

A amostra é de 3891 alunos, do 1º ao 6º ano de escolaridade, com idades compreendidas entre os 6 e os 16 anos, com uma média global de 9 anos, em treze agrupamentos de escolas públicas do ensino básico pertencentes a nove concelhos da Sub-Região de Saúde de Bragança (no Alto Trás-os-Montes, no Norte de Portugal). No total da amostra, 51,3% das crianças pertencem ao género masculino e 48,7% ao feminino, 84,1% transitaram de ano e 15,9% foram retidos. Constituindo os valores deste estudo, em termos de sucesso escolar, inferiores aos registados a nível nacional (1º ciclo – 91,5%/ 2º ciclo – 91,4%) no ano 2008, altura em que se realizou a recolha de dados (Educação, 2009; Pereira, et al., 2009).

### *Instrumento de recolha de dados*

Os dados foram recolhidos através de um questionário de auto-relato, o questionário «*bullying* – A agressividade entre crianças no espaço escolar» de Olweus (1989), adaptado à população portuguesa por Pereira e Tomás (1994) e revisto por Pereira (2006). Organizado em quatro secções, sendo a primeira relativa aos dados sócio

económicos, a segunda à identificação de comportamentos de vitimação, a terceira de agressão e quarta relativamente à amizade por nomeação de pares e ainda quanto à sua percepção sobre os recreios escolares.

A utilização deste questionário permitiu identificar e caracterizar os grupos previamente estabelecidos e de acordo com os papéis desempenhados em situações agressivas e de intimidação (*bullying*).

As crianças foram questionadas sobre a frequência da ocorrência das situações, mas não sobre a gravidade das mesmas, ainda que pudessem descrever algum episódio quando lhes foi solicitado que identificassem o tipo de *bullying* que tinham experienciado na escola. A tradução portuguesa utilizada no questionário para *bullying* foi o de «comportamentos agressivos de intimidação».

#### *Procedimentos*

A recolha de dados foi realizada em Junho de 2008, correspondendo Junho ao final do ano lectivo. Atendendo às exigências ditadas pelos códigos de princípios éticos, tivemos em atenção a salvaguarda dos direitos dos participantes à privacidade ou à não participação, ao anonimato e respectiva confidencialidade. Os alunos responderam ao questionário numa aula no período normal de funcionamento. O questionário foi administrado pelos professores que foram sujeitos a uma informação breve.

#### **Análise dos dados**

Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos foram submetidos a processamento electrónico, usando-se o software *Statistical Package for the Social Sciences* - (SPSS) – *Windows* (versão 17.0).

Para a identificação do grupo de actores envolvidos nas práticas agressivas, baseamo-nos em quatro grupos, nomeadamente, «vítimas», «agressores», «vítima-agressiva» e «não envolvidos» (não envolvidos ou não responderam de forma conclusiva). A construção desta variável foi com base nas variáveis «ser vítima» e «ser agressor» depois de terem sido transformadas em variáveis dicotómicas.

Tabela I - Grupos de envolvidos em práticas agressivas de intimidação (*bullying*)

	<b>Não foi vítima (0)</b>	<b>Foi vítima (1,2,3)</b>	<b>NR (9)</b>
<b>Não foi agressor (0)</b>	Não foi vítima (0) Não foi agressor (0) R= (0,0) –	Foi vítima (1,2,3) Não foi agressor (0) R=(1,2,3)	Não respondeu (9) Não foi agressor (0) R= (9)
	Não foi vítima Não foi agressor	Foi vítima	Não respondeu
<b>Foi agressor (1,2,3)</b>	Não foi vítima (0) Foi agressor (1,2,3) R=(0,1)	Foi vítima (1,2,3) Foi agressor (1,2,3) R= (1,2,3)	Não respondeu (9) Foi agressor (1,2,3) R= (9)
	Agressor	Vítima Agressiva	Não respondeu

Conscientes de que alguns estudos contabilizam como situações de agressão e/ou vitimação, aquelas que ocorreram mais de três vezes durante o período, no presente estudo consideramos como frequência mínima 1 ou 2 vezes no período. Tal posição por nós assumida, prende-se com o facto de a natureza das acções ao ocorrerem uma ou duas vezes, constitui de si, sinal de alerta.

## Resultados

Tendo por referencia os diferentes papéis que as crianças podem assumir no que diz respeito aos comportamentos agressivos e de intimidação, passamos de seguida a descrever a prevalência registada em quatro grupos, relacionados com o respectivo tipo de papel desempenhado ou ainda o tipo de envolvimento (não envolvidos; vítimas, agressores e vítimas-agressivas), de acordo com os diferentes episódios de agressão e de intimidação, expresso pela frequência registada (1 ou 2 vezes no período).

Tabela II – Prevalência do tipo de envolvimento em situações de *bullying*

Tipo de envolvimento	Amostra	
	n	%
Não envolvidos em <i>bullying</i>	1948	52,3
Vítimas	413	11,1
Agressores	702	18,8
Vítimas e Agressores	663	17,8
Totais	3726	100

Verifica-se que aproximadamente metade (47,3%) dos alunos que constituem a amostra vivenciaram situações de *bullying*, constituindo o grupo de agressores (18,8%) aquele que regista maior prevalência, seguido do grupo de vítimas-agressivas (17,8%) e finalmente o das vítimas (11,1%).

Tabela III– Prevalência do tipo de envolvimento em situações de *bullying* e o aproveitamento escolar

Tipo de envolvimento	Sucesso Escolar		Insucesso Escolar		X <sup>2</sup>
	n	%	n	%	
Não envolvidos em <i>bullying</i>	1651	53,7	265	45,5	22.83*
Vítimas	308	10	93	16	
Agressores	577	18,8	115	19,7	
Vítimas e Agressores	539	17,5	110	18,9	
Totais	3075	100	583	100	

\*p< .001

Decorrente da análise da variável aproveitamento escolar (sucesso/insucesso escolar), verifica-se que o grupo de alunos que foram retidos ao longo do percurso escolar está mais envolvido (54,5%) nas práticas agressivas e de intimidação comparativamente ao grupo de alunos que transitaram de ano (46,3%).

Constata-se de igual modo que o grupo de alunos que foram retidos ao longo do percurso escolar, registam uma maior prevalência no duplo papel de comportamentos de vitimação e agressão (18,9%) que o grupo de alunos que transitaram de ano (17,5%).

Relativamente à agressão e à vitimação verifica-se uma mesma tendência, na qual o grupo com insucesso escolar apresenta valores relativos superiores comparativamente aos dos alunos com sucesso escolar. Assim, relativamente à vitimação os alunos com insucesso escolar (16%) apresentam valores superiores aos alunos com sucesso escolar (10%), No caso dos agressores o grupo com insucesso escolar regista um valor relativo (19,7%) ligeiramente superior ao dos alunos com sucesso escolar (18,8%). Tendo sido conduzido o teste de Qui-quadrado foram

identificadas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos alunos com e sem sucesso escolar ( $\chi^2=22.83$ ,  $p<=001$ ).

## **Discussão**

Neste estudo pretendeu-se analisar a prevalência das práticas agressivas e de intimidação (*bullying*) num conjunto de treze agrupamentos de escolas do Distrito de Bragança, no nordeste de Portugal. Relativamente ao tipo de envolvimento nas práticas agressivas entre pares (*bullying*), diversos estudos focam a sua atenção nos agressores e nas vítimas, não atribuindo a mesma atenção ao papel dos restantes membros do seu grupo de pares (Nansel, et al., 2001; Raimundo & Seixas, 2009). Consequentemente, analisou-se a prevalência dos não envolvidos, das vítimas, dos agressores e das vítimas-agressivas.

De acordo com os resultados deste estudo, consideramos que a violência escolar constitui um problema que afecta muitas crianças e jovens no distrito de Bragança, atendendo ao facto de que aproximadamente metade dos alunos que constituem a amostra referem ter estado envolvidos em práticas agressivas e de intimidação (*bullying*) pelo menos 1 ou 2 vezes no último período escolar.

A prevalência registada neste estudo assume particular preocupação visto que apresentam valores superiores aos estudos desenvolvidos em Portugal (Carvalhosa, et al., 2009a; Pereira, et al., 1996; Pereira, et al., 2004), os quais registam uma frequência de envolvimento em situações de *bullying* que varia desde os 5% aos 32% da população escolar (Carvalhosa, et al., 2009a; Pereira, et al., 1996; Whitney & Smith, 1993).

À semelhança de outros estudos (Pereira, 2008; Raimundo & Seixas, 2009) o grupo de agressores regista valores semelhantes, no entanto, no presente estudo o referido grupo arrola maior prevalência comparativamente aos restantes grupos (vítimas e vítimas/agressores). Curiosamente, o grupo das vítimas surge com valores inferiores, comparativamente à prevalência registada nos restantes grupos analisados (agressores e vítimas/agressores) contrariando os resultados de vários estudos.

No grupo das vítimas-agressivas, observa-se uma tendência semelhante à do grupo de agressores em termos de prevalência, embora com valores relativos ligeiramente inferiores, no entanto, bastante superiores aos das vítimas, contrariando a prevalência registada em outros estudos (Carvalhosa, et al., 2009a; Nansel, et al., 2001;

Raimundo & Seixas, 2009), onde o grupo das vítimas-agressivas regista uma prevalência inferior à obtida no presente estudo.

A investigação tem revelado que o *bullying* no contexto escolar constitui um problema com uma prevalência elevada que compromete a aprendizagem e influencia o precoce abandono escolar (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009b). Decorrente da análise dos resultados obtidos no presente estudo em termos de aproveitamento, verifica-se que os alunos com insucesso escolar registam valores superiores comparativamente aos alunos com sucesso escolar, em termos de envolvimento em episódios de *bullying*, confirmando os resultados encontrados em outros estudos, embora neste caso sejam superiores (Nansel, et al., 2001; Pereira, 2008; Resnick, et al., 1997; Silva & Pereira, 2008). Assim, no caso dos agressores, verifica-se uma maior prevalência nos alunos com insucesso escolar comparativamente aos alunos com sucesso escolar, o que vai de encontro à ideia de que quanto maior é o insucesso mais agressoras são as crianças, visto que o ficar vários anos retido significa adquirir um estatuto dentro da turma e desenvolver defesas que evitam que se torne vítima (Pereira, 2008) pelo que aos agressores são associados problemas escolares (Carvalhosa, et al., 2009a).

No grupo das vítimas, apesar de apresentarem valores relativos inferiores comparativamente aos restantes grupos (vítimas-agressivas e agressores), revelam que os alunos com insucesso escolar também registam valores relativos superiores aos alunos com sucesso escolar, corroborando o princípio de que a vitimação está associada ao pior desempenho escolar, durante o período em que a criança ou jovem é vitimizada (Carvalhosa, et al., 2009a; Matos, Simões, et al., 2009; Nansel, et al., 2001).

Finalmente, no grupo das vítimas-agressivas, observa-se uma tendência semelhante à do grupo de agressores em termos de prevalência, sendo que os alunos com insucesso escolar apresentam valores relativos superiores comparativamente aos alunos com sucesso escolar nas práticas de agressivas e de intimidação (*bullying*)

Em suma, os resultados deste estudo vão de encontro ao facto de que os alunos com insucesso escolar ao longo do percurso, de uma forma geral, exibem índices mais elevados de comportamentos disruptivos, comparativamente aos não repetentes (Fonseca, et al., 2000), visto que os alunos com sucesso escolar aceitam com facilidade a autoridade, são mais concentrados, criam menos conflitos, são mais responsáveis,

colaborantes e pontuais, cuidam melhor do seu material escolar, respeitam mais os professores e as suas orientações (Veiga, 2006).

Embora não se possa estabelecer uma relação directa entre o insucesso escolar e um qualquer tipo de comportamento desviante, consideramos admissível que ele constitua como um importante factor de risco quer para a indisciplina na sua perspectiva mais simples, quer para atitudes e comportamentos de maior gravidade, como sejam, o *bullying*. Constituindo toda a forma de violência na escola uma preocupação dos educadores e da sociedade em geral, quando esta assume um carácter sistemático aumenta naturalmente essa preocupação, não só pelos efeitos que causa nos actores directamente envolvidos (vítimas e/ou agressores), a curto e a longo prazo, como pelo efeito nos próprios observadores, particularmente nas escolas onde o fenómeno apresenta uma maior prevalência (Akiba, Le Tendre, Baker, & Goesling, 2002; Martins, 2009; Nansel, et al., 2001; Pereira, 2008; Rigby, 1999).

Neste contexto de agressividade entre pares duas certezas imperam: quanto mais repetidas e prolongadas forem, maiores são os danos do ponto de vista do desenvolvimento biopsicosocial e o bem-estar das crianças envolvidas, pelo que urge a necessidade de um diagnóstico e intervenção precoce. Dada a elevada prevalência dos comportamentos de *bullying* registada no presente estudo, evidencia-se a necessidade de se implementarem programas de intervenção desde os primeiros anos de escolares, baseados num conhecimento mais aprofundado e centrados no insucesso e abandono escolar (Nansel, et al., 2001; Rigby, 1999), na motivação e expectativas dos alunos e professores, impulsionando competências pessoais e sociais para a prevenção de comportamentos agressivos (Matos, Negreiros, et al., 2009). Entre as competências pessoais e sociais, destacam-se as competências cognitivas, emocionais e comportamentais, através da promoção do comportamento assertivo na resolução de problemas, a participação activa dos alunos e o envolvimento em actividades extracurriculares (trabalho cooperativo), os quais constituem factores de protecção (Glew, et al., 2005) e medidas eficazes na redução da violência (Gladden, 2002).

## Referências bibliográficas

- Akiba, M., Le Tendre, G., Baker, D., & Goesling, B. (2002). Student victimization: national and school system effects on school violence in 37 nations. *American Educational Research Journal, 4*, 829-853.
- Carvalhosa, S., Lima, L., & Matos, M. (2002). Bullying: a provocação/vitimação entre pares em contexto escolar português. *Análise Psicológica, 20*(4), 517-585.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C., & Sales, C. (2009a). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações, 13*, 125-146.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C., & Sales, C. (2009b). Violence in Portuguese schools. *Internacional Journal of Violence and School, 9*, 57-78.
- Educação, G. d. E. e. P. d. (2009). *50 Anos de Estatísticas da Educação*.
- Fonseca, A. C., Taborda Simões, M. C., & Formosinho, M. d. D. (2000). Retenção escolar precoce e comportamentos anti-sociais. *Revista Portuguesa de Pedagogia, XXXIV (1,2,3)*, 323-340.
- Formosinho, M. d. D., & Simões, M. d. C. T. (2001). O bullying na escola: Prevalência, contextos e efeitos. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 35-2*, 65-82.
- Freire, I. P., Simão, A. M. V., & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico - um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação, 19 (2)*, 157-183.
- Gladden, R. M. (2002). Reducing school violence: Strengthening student programs and addressing the role of school organizations. *Review of Research in Education, 26*, 263-299.
- Glew, G. M., Fan, M.-Y., Katon, W., Rivara, F. P., & Kernic, M. A. (2005). Bullying, Psychosocial Adjustment, and Academic Performance in Elementary School. *American Medical Association, 159*, 1026-1031
- Johnson, D., & Lewis, G. (1999). Do you like what you see? Self-perceptions of adolescent bullies. *British Educational Research Journal, 25,5*, 665-667.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *World report on violence and health*. Geneve: World Health Organization
- Lourenço, L. M., Pereira, B., Paiva, D. P., & Gebara, C. (2009). A gestão educacional e o bullying: um estudo em escolas Portuguesas. *INTERAÇÕES, 13*, 208-228
- Martins, M. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empirico. Retrieved 06 de Dezembro de 2009:
- Martins, M. (Ed.). (2009). *Maus tratos entre adolescentes na escola* (1ª Edição ed.): Editorial Novembro.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (Eds.). (2009). *Violência, Bullying e Delinquência* (1.ª ed.). Lisboa: Gráfica Manuel Barbosa & Filhos,Lda.
- Matos, M., Simões, C., & Gaspar, T. (2009). Violência entre pares no contexto escolar em Portugal, nos últimos 10 anos. *Interações, 13*, 98-124.
- Nansel, T., Overpeck, M., Pilla, R., Ruan, W., Simons-Morton, B., & Scheldt, P. (2001). Bullying behaviors among US youth. *Journal of the American Medical Association, 285*, 2094-2100.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford Blackwell.
- Olweus, D. (1994). Annotation. Bullying at school: Basic facts and effects of a school-based intervention program. *Journal of Psychology and Psychiatry, 43*(7), 1171-1190.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MTC)
- Pereira, B., Almeida, A., Valente, L., & Mendonça, D. (Eds.). (1996). *O "bullying" nas escolas portuguesas: análise de variáveis fundamentais para a identificação do problema* (Vol. I). Braga: Universidade do Minho.
- Pereira, B., Mendonça, D., Neto, C., Valente, L., & Smith, P. K. (2004). Bullying in Portuguese Schools. *School Psychology Internacional, 25*(2), 241-254.
- Pereira, B., Nunes, B., Lourenço, L., Silva, M., Santos, M., Costa, P., et al. (2009). *Relatório do projecto de diagnóstico e intervenção sobre o bullying nas escolas de Bragança*: Instituto de Estudos da Criança.
- Raimundo, R., & Seixas, S. R. (2009). Comportamentos de bullying no 1º ciclo: Estudo de caso numa escola de Lisboa. *INTERAÇÕES, 13*, 164-186

- Resnick, M., Bearman, P., Blum, R., Bauman, K., Harris, K., Jones, J., et al. (1997). Protecting Adolescents from harm: Findings from the National Longitudinal Study on Adolescent Health. In Jama (Eds.) (Vol. 278 (10),
- Rigby, K. (1999, 13). Does bullying really do children any harm? *Paper presented at the Children and Crime: Victims and Offenders Conference convened by the Australian Institute of Criminology and held in Brisbane* Retrieved 13-02-2010, 2010, from <http://www.education.unisa.edu.au/bullying/harm.html>
- Sanchez, R. N., & Minayo, M. C. (2004). *Violência faz mal à saúde de crianças e adolescentes*: Brasília: Ministério da Saúde.
- Seixas, S. (2005). Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (XXIII), 97-110.
- Silva, M., & Pereira, B. (2008). A violência como factor de vulnerabilidade na ótica de adolescentes escolares. In J. B. e. U. d. Évora (Eds.), *Educação para a Saúde no Século XXI: Teorias, Modelos e Práticas*
- Veiga, F. H. (2006). Uma nova versão da escala de autoconceito: Piers-Harris Children's Self-Concept Scale (PHCSCS-2). *Revista Psicologia e Educação*, 5 (2), 39-48.
- Whitney, I., & Smith, P. K. (1993). A survey of the nature and extent of bullying in junior/middle and secondary schools. *Educational Research*, 35, 3-25.